

A PERFORMATIVIDADE FEMININA E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA PERSPECTIVA ATEMPORAL NA OBRA O CORTIÇO

Márcia Souto da SILVA¹
Marcilene Damasceno XAVIER²
Marcos dos Reis BATISTA³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo expor uma leitura de *O Cortiço* (2010), de Aluísio de Azevedo à luz da atemporalidade de atitudes e ações dos personagens que são desenvolvidos ao longo da narrativa que de certa forma permanecem imbricados na sociedade. Como metodologia, utilizamos pesquisa bibliográfica, realizando leituras comparativas com possibilidade de intertextualidade com a história de Adão e Eva; o casamento por dote e a incapacidade da mulher na obra *O cortiço*, de ascender socialmente que seria nesse caso a chamada fragilização, sentimento que faz a pessoa se sentir menor, incapaz de ultrapassar determinada barreira ou fato que se apresenta. É antes de tudo uma maneira de ver a realidade, que na obra vem impregnada e marcada pela presença contínua dos preceitos naturalistas. Com base nessas leituras, chegou-se a conclusão de que, embora a obra tenha sido escrita no século XIX, ela apresenta numa perspectiva atemporal uma reflexão muito acentuada tanto ao que tange à condição feminina do século XXI quanto à relação Burguesia versus proletariado, evidenciando dessa forma, que os aspectos sociais – desigualdades sociais e de gênero, as disparidades- ultrapassam as dimensões da corrente naturalista a que *O cortiço* está inserido e se perpetua na atualidade contemporânea..

Palavras-chave: Intertextualidade. Atemporalidade. Fragilização.

ABSTRACT

The present work aims to expose a read of O Cortiço (2010), Aluísio de Azevedo in the light of the timelessness of the characters' attitudes and actions that are developed along the narrative that somehow remain interwoven in society. As a methodology, bibliographical research, performing comparative readings with possibility of Intertextuality with the story of Adam and Eve; the marriage dowry and the inability of women in work O Cortiço, to ascend socially that would be in this case call embrittlement, feeling that makes the person feel less, unable to overcome particular barrier or fact that presents itself. Is above all a way of seeing the reality, that the work comes impregnated and marked by the continuous presence of naturalists. Based on these readings, we have come to the conclusion that, although the work was written in the 19th century, it features a timeless perspective a very strong reflection in terms of 21st century womanhood as the Bourgeoisie versus proletariat, showing in this way, the social aspects – social and gender inequalities, disparities-go beyond the current naturalistic dimensions to which O Cortiço is inserted and if perpetuates today.

Keywords: Intertextuality. Timelessness. Embrittlement.

1 Graduanda do 6º semestre do curso de Letras- Língua Portuguesa 2014.2 da Universidade Federal do Pará, campus Universitário de Castanhal - Marcia.18.souto@gmail.com

2 Graduanda do 6º semestre do curso de Letras- Língua Portuguesa 2014.2 da Universidade Federal do Pará, campus Universitário de Castanhal - Marcia.damasce-nos@hotmail.com

3 Docente de Linguística e Linguística aplicada da Faculdade de Línguas estrangeiras e Tradução do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O naturalismo é uma escola literária que surgiu na década de 1880 com a “Academia francesa” e o grupo “Padaria espiritual” (informação conferida na obra *História concisa da literatura brasileira*), marcada por uma “face” daquilo que é real e natural e que por vezes é confundido com o Realismo. No entanto, “De acordo com o naturalismo, o real deve ser aprendido e tratado em suas manifestações concretas, sem ser idealizado” (QUEIROZ, 2011, p. 210), ou seja, essa estética faz a exposição da exterioridade/ interioridade humana no meio social. Já o Realismo (enquanto Escola Literária), se mescla com o naturalismo à medida que no processo de criação dos personagens e dos enredos estes passam por um Processo de Seleção Natural (para lembrar Darwin).

Para Bosi, “o realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das “leis naturais” [sic] [...]” (BOSI, 1994, p.168). O naturalismo é, portanto, também realista, porém, mais científico e detentor das seguintes características: é determinista; o homem é “escravo” das leis evolutivas e do meio ao qual pertencem; há o predomínio do “animalismo” e a ignorância e a miséria produzem o ambiente ideal para a produção literária.

Ainda ao que concerne o naturalismo, de acordo com Bosi “Na década de 80 afirmara-se o naturalismo entre nós: canhestro ainda nos primeiros romances de Aluísio, acertou o passo com *O Cortiço*, *O Missionário* e *O Bom Crioulo* [...]” (BOSI, 1994, p.19). Nesse sentido, Aluísio Azevedo foi um dos precursores da estética naturalista no Brasil e a obra a ser aqui estudada é *O Cortiço* (2010). O objetivo desse trabalho é refletir como a obra se constitui em relação ao conteúdo, salientando a importância do naturalismo para a construção do enredo e dos personagens e o ponto chave desse trabalho é a desigualdade que permeia em *O Cortiço*, em outras palavras, a ascensão burguesa versus a condição de fragilidade feminina do século XIX. A importância da pesquisa está enfocada nesse aspecto, pois é a partir dessa disparidade econômica/social/moral presente na obra que é possível depreender que esta não é apenas uma narrativa. Mas, a junção de uma série de denúncias que aparecem ora camuflados/suavizados ora não.

Para a realização desse trabalho contou-se com o apoio dos estudos acerca da análise de narrativas propostas por Coutinho (2011), Dimas (1994), Betella (2007), Gonçalves (2011), Bosi (1994), Candido (2011) e Franco Júnior (2009). Além disso, pesquisas acerca da organização do meio natural⁴ e o condicionamento do homem ao ambiente em que vivem desenvolvidos por Candido (2004) e Gurgel (2012), serviram de base teórica para a realização desse trabalho.

Este texto está organizado em duas seções e as considerações finais. Na primeira seção encontra-se um breve comentário com enfoque nos elementos estruturais da narrativa. Na segunda seção, que está subdividida em duas, aparece inicialmente a fragilização da mulher em contrapartida o processo de ascensão burguesa; e por fim, as considerações finais nas quais são apresentados os resultados da pesquisa.

1 BREVE COMENTÁRIO ACERCA DA NARRATIVA

O Cortiço é um romance do final século XIX e é uma das obras de maior expressão naturalista da Literatura Brasileira, exerce a função de expoente da teoria Darwinista, exhibe o ser humano como “[...] escravo dos caracteres hereditários e do meio, da natureza [...]” (GURGEL, 2012, p.111). A saber, que a determinação de certas ações, é o resultado das influências históricas, vivências de caráter sociais e, também, da herança genética.

Em *O Cortiço* a verossimilhança é muito potente a tal ponto que a realidade presente no texto abarca o social, o sentimental e o emocional na narração do cotidiano das pessoas em uma habitação coletiva (*Cortiço*), vivendo de forma miserável por vezes promíscua, sentimentos que chegam a ser comparados com os de animais, de-

4 Processo de seleção natural de Darwin

vido à intensidade e exagero na construção das falas das personagens. Rodrigo Gurgel apresenta em seu texto, Muita retórica-Pouca literatura, várias críticas a respeito da construção dos personagens, dentre elas destacam-se: o exagero, o preconceito, a personificação e a mediania (GURGEL, 2012).

Trata-se de uma narrativa *in media res*⁵ visto que se inicia com um flashback (retrospectiva) de como Romão enriqueceu. Gurgel compartilha desse pensamento ao afirmar que “O narrador anuncia o que nos espera, ao dramatizar o crescimento do cortiço”⁶ (GURGEL, 2012, p.119). Além disso, o ambiente também contribui para a história; assim, de acordo com Mesquita, “o enredo é arquitetura do tempo e arquitetura do espaço, já que o espaço é espaço vivido” (MESQUITA, 1994, p.34). Nesse sentido, o espaço do cortiço é mais que uma habitação coletiva; tanto é, que para salientar essa afirmação, o narrador atribui vida ao espaço em que a maioria do enredo acontece, veja:

E naquela terra fulmegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, a multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 2010, p. 15).

Na citação acima há a marcação, tanto do espaço – em que o enredo acontece – quanto da prenúnciação, dessa narrativa *in media res*.

O narrador faz uso da hipérbole⁷, parafraseando Gurgel (2012), a narrativa é contaminada pelo excesso e qualquer atitude ou sentimento alcança maior intensidade em O Cortiço. No entanto, esse discurso só impressiona leitores infantis e essas figuras retóricas não passam de repetitivos balões de gás. A construção dos personagens e a organização do cortiço são descritas enfatizando a realidade de cada personagem desde a avareza de João Romão, à transformação de pombinha e a voluptuosidade de Jerônimo e Rita Baiana.

Ele voltou para a rapariga o seu olhar de animal prostrado e, por única resposta, passou-lhe o braço esquerdo na cintura e procurou com a mão direita segurar a dela. Queria com isto traduzir o seu reconhecimento, e a mulata assim o entendeu, tanto que consentiu: mal, porém, a sua carne lhe tocou na carne, um desejo ardente apossou-se dele; uma vontade desensofrida de se-nhorear-se no mesmo instante daquela mulher e possui-la inteira, devorá-la num só hausto de luxúria, trincá-la como um caju. (AZEVEDO, 2010, p.54).

Em contrapartida, Candido diz que “[...] A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos [...] e que as diferenças são tão importantes quanto às afinidades para criar o sentimento de verdade que é a verossimilhança” (CANDIDO, 2011, p.54-55). O narrador é, pois, um cartesiano⁸ por excelência. Já que fornece todos os detalhes das cenas, sem perder o valor de verdade que lhe é exigido.

As representações são organizadas de forma que se prolonguem o meio natural, como se a natureza, o sol, a mangueira e o, próprio, cortiço tivessem vida e sentimentos e contribuíssem para a construção das ações dos personagens. Há na narrativa o que Dimas (1994) chamaria de “Verismo fotográfico” que é a descrição dos personagens e do ambiente em que a estória se passa o que permite esse prolongamento da cena. Observe:

A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegres as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, uma dos raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo. (AZEVEDO, 2010, p.90).

5 Ver FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa, ano, p. 34.

6 Com relação a essa abordagem ver capítulo 1 do livro “O cortiço” de Aluísio Azevedo.

7 Figura de linguagem que aumenta excessivamente o valor de verdade no texto.

8 “O narrador cartesiano expõe um mundo onde não há espaço para a dúvida ou a contradição”. Ver esta definição em: GONÇALVES, Livia Bueloni. Do narrador cartesiano ao narrador imponente: as primeiras mudanças entre as narrativas dos séculos XIX e XX. Revista contexto, 2011/1. USP, 2011. (p. 452).

9 Ver DIMAS, Antônio. Espaço e Romance. 3ªed. Ática editora. São Paulo, 1994, cap.1, p.6. (co-leção Série Princípios).

Por fim, outra técnica adotada pelo narrador é a utilização de uma linguagem pejorativa para criar e descrever imagens/ situações. Observe nas passagens: “[...] Dona Estela era uma mulherzinha levada da breca [...]”, “E toda gentalha daquelas redondezas ia cair lá [...]” (AZEVEDO, 2010, p.13-19). Nesse sentido, nos é revelado um narrador, sobretudo preconceituoso. Gurgel (2012) aponta um narrador determinista, hiperbólico, preconceituoso, pretensioso e patriota dentro da obra.

2 A FRAGILIZAÇÃO DA MULHER EM O CORTIÇO

O autor procura destacar o comportamento e o modo de vida de algumas personagens e, as condições socioeconômicas do universo feminino do século XIX. Na obra, a mulher é fragilizada, ou seja, elas são incapazes de ultrapassar determinada barreira ou em algumas situações são diminuídas através do seu conhecimento e, também, pela maneira de ver a realidade; e, acima de tudo, pela coragem para enfrentar o que se apresenta. No caso de Bertoleza, subordinada e submissa à João Romão, vivia em condição de escravidão, foi enganada por ele por não ter conhecimento e por medo de enfrentá-lo. Rita Baiana era uma mulher envolvente e sensual independente; porém, considerada mulher perdida porque era solteirona. Desse modo, para a sociedade da época uma mulher só era considerada digna se fosse do lar e do marido, senão, eram tidas como ‘rameiras’, mulheres da vida. Pombinha era a flor do cortiço, mas acaba no mundo da prostituição. A mulher, novamente, não consegue ultrapassar as barreiras impostas ao seu gênero. O mesmo acontece com Leónie, que é considerada uma rameira, meretriz. Leocárdia – rotulada de ‘adúltera’ – é expulsa por seu marido de casa e mesmo quando a mulher é submissa e dedicada a seu marido como Piedade, não consegue ser feliz; assim, ela é diminuída, traída e abandonada pelo marido. As condições – principalmente, socioeconômicas – levam as mulheres a estagnarem em um patamar sendo impossibilitadas de ascender em outros aspectos.

Quanto à construção da obra e as visões das mulheres, há o predomínio de uma repetição de enredos, das histórias paralelas que são narradas. Observe: Primeiro: Leocárdia é expulsa de casa por seu marido Bruno; em seguida, Florinda, filha de Dona Marciana, foge de casa após sua mãe descobrir que ela está grávida; Terceiro: Piedade, que após ser abandonada pelo marido, vai para a outra estalagem; Quarto: Pombinha, que após o primeiro ano de casamento (devido às traições), é mandada de volta para a casa da sua mãe e foge para morar com Léonie; Quinto: Bertoleza é “expulsa” de casa por Romão.

Nos cinco casos, existe um “abandono” de lar uns por vontade própria; outros, por pressão e quando não por sugestão do “senhor de escravos” (caso de Bertoleza); além das repetições já apontadas. Isso se concretiza, também, em um plano paralelo, quando Pombinha ao ver “Senhorinha” (filha de Piedade e Jerônimo) começa a ter, certa simpatia por ela, tal qual Léonie tinha por ela quando jovem. Mais uma vez há a sugestão, agora, de que devido a todo sofrimento e as condições as que Senhorinha está submetida, ela irá praticar os mesmos atos promíscuos de Pombinha.

Ao que parece é um ciclo interminável do qual nenhum personagem sai ileso, todos têm sua parcela de interesse e contribuição para que as ações aconteçam e o meio ao qual elas estão submetidas exerce uma função crucial. Apontando assim, o Homem como escravo do meio em que vive e da realidade que está sujeito. Há uma sugestão do narrador na qual Bertoleza acostumou-se com a vida de labuta e, que isso se deve ao caráter hereditário de sua espécie, sua ‘raça’, de sua cor. Mesmo após a sua “liberdade” Bertoleza continua a exercer as mesmas funções, tudo para sustentar o seu “homem”, como pode ser observado nas passagens: “[...] Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos”; “[...] com uma grande colher de zinco gotejante apareceu à porta, muito enebada e suja de tisna [...]” (AZEVEDO, 2010, p.53-91). Ela é uma personagem plana com tendência à redonda, segue uma linearidade na maior parte do romance, mas se rebela ao ver que será substituída por uma mulher mais jovem, rica e branca.

–Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e me atira à toa [...] Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar ano e sair ano a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo [...] para depois ser jogada no meio da rua como galinha podre?! Não! Não há de ser assim seu João. (AZEVEDO, 2010, p.144).

Bertoleza recusa-se a ir embora, a deixar Romão, para desfrutar do que, até então, não havia desfrutado “- Ora essa! Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! Quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! Quero meu regalo como o senhor quer o seu!” (AZEVEDO, 2010, p. 203).

Rebela-se, também, contra a condição de escrava que será entregue a seu dono “Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravaria, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado” (AZEVEDO, 2010, p.215). Este comportamento marca a revolta contra as imposições (correntes) sociais que a prendiam. Ela preferiu morrer ao ter que voltar à sua vida de escrava, a ter que continuar a servir o sistema. A morte significava, portanto, a liberdade e a quebra das amarras.

O que acaba revelando – embora haja o prevailecimento da onisciência e do discurso indireto livre¹⁰ –, “alguns alegorias acerca da sociedade e, como bem diz Candido em seu texto De Cortiço a Cortiço “[...] os chavões do tempo, marcando a ambiguidade do intelectual brasileiro que aceitava e rejeitava a sua terra, dela se orgulhava e se envergonhava [...]” (CANDIDO, 1973, p.120). Essa visão no plano do autor¹¹ se reflete no plano da narrativa na situação apontada e nas duas alegorias mencionadas mais adiante acerca do povo brasileiro e da mulher brasileira.

Assim, como todos os personagens tem uma parcela interesseira, Dona Isabel ver na filha Pombinha a oportunidade de sair da estalagem e começar uma nova vida, longe daquele lugar; por isso, sua preocupação em educar a filha, para que ela arranjasse um ‘bom partido’. Esta, porém, movida pela ânsia dos desejos provocados pela atitude homoafetiva de Léonie, pombinha desagrada sua mãe e o esposo e passa a trabalhar num bordel com Léonie do qual tira sustento para si e, mais tarde, para a mãe, também.

2.1 A Ascensão Burguesa

Os moradores do cortiço são formados por uma mistura de grupos sociais distintos (nativos, negros e europeus) e as mazelas sociais (exploração de classe social, pobreza, violência, prostituição, preconceito...) fazem parte desse ambiente. O meio influencia para a queda moral, social e ética do ser humano.

De um lado, João Romão cresce, explorando seus trabalhadores, principalmente sua “companheira” Bertoleza. Por outro lado, Jerônimo acaba se transformando em um homem totalmente diferente, de esposo invejável e homem perfeito, acaba vencido pelo ambiente de miséria e promiscuidade, alterando seu comportamento a partir do momento que ver Rita Baiana dançando. Enfeitiçado pela mulata, Jerônimo passa de um homem saudosista para um homem “abrasileirado”, esquecendo sua cultura de origem e adaptando-se à cultura diferente, esquecendo seus valores e princípios, abandona sua esposa, sua filha e se une com Rita Baiana.

Todas essas circunstâncias acabam revelando duas alegorias¹² ao povo brasileiro. A primeira diz respeito à visão de povo descompromissado e irresponsável e, a segunda faz menção à mulher brasileira que é a cor do pecado, ou seja, carrega em si o pecado (visão difundida até hoje, nos comerciais de cerveja, por exemplo). E, mais: a mulher é responsabilizada pela queda do homem desde o princípio¹³.

De modo geral, pode-se dizer que a feminilidade vislumbrada em O cortiço, ultrapassa a realidade da mulher do século XIX, pois numa perspectiva atemporal, os

¹² Retomar o apontamento da nota (8);

¹³ Possibilidade de intertexto com a História de Adão e Eva, sobre essa possibilidade ler: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução CNBB. São Paulo. 2001 (livro de Gn 3:1-24).

estereótipos nos quais as mulheres são rotuladas na obra, hoje ainda vigoram, aliás, são acompanhadas por um misto de classes menos favorecidas.

Em relação à narrativa, esta é construída do seguinte modo:

Pelo método documental, pelo uso da linguagem simples, direta, natural, coloquial, mesmo vulgar, e dos dialetos das ciências e profissões, o Naturalismo procura representar toda a natureza, a vida que está próxima da natureza, o homem natural (COUTINHO, 2001, p.190).

Motivo pelo qual, essa linguagem simples, tende a ser considerada banal e corriqueira, aproximando-se da vida no dia a dia. Nesse sentido, o fato de os trabalhadores das minas morarem próximo ao trabalho, significa essa vida próxima da natureza. Assim, como as mulheres, que alugavam as tinhas do cortiço para poderem, também, trabalhar, Romão seria o senhor, o controlador, motivo pelo qual sua quinta (casa) ficava no centro, entre o cortiço e a pedreira.

A natureza e o meio em si, fazem parte da estrutura do cortiço, é como se cada objeto se transformasse junto com o desenrolar de cada personagem. Esse jogo de condições locais acaba transformando as mediocridades do dia a dia em algo natural. Por exemplo, os furtos e mentiras de João Romão, a infidelidade de Jerônimo mostra o estrangeiro condicionado ao meio social em que está envolvido em uma relação de possuidor e coisa possuída, e a natureza como meio determinante à maneira naturalista, nada é desprovido de importância e significado. Assim,

Ligado à natureza, que no Brasil ainda era presença a ser domada, ele cresce, se estende, aumenta de volume e é consequentemente tratado pelo romancista como realidade orgânica, por meio de imagens orgânicas que o animam e fazem dele uma espécie de continuação do mundo natural (CANDIDO, 1991, p.118).

Romão é um português, interesseiro, ambicioso e invejoso. O explorador que fez o cortiço com o dinheiro e suor alheio. Ele, nas três possibilidades de atuação dos personagens pensada por Candido (1991), seria aquele ‘português que chegou e venceu o meio’, uma vez que teve êxito com sua exploração. O senhor Miranda, é um português enriquecido – diga-se de passagem, com o dinheiro da mulher), falso e invejoso. Ele temia o crescimento do cortiço e a pobreza e, pode ser considerado, um exemplo do modelo de corte burguesa do século XIX. O luxo pelo qual ele era cercado dentro de casa, bem como a superioridade em relação à moradia (sobrado, que ficava a cima de todos) evidenciam isso.

Na denominação de Candido (1991), os trabalhadores das minas, das tinhas (com exceção à Piedade), bem como, Bertoleza, são os exemplos de ‘brasileiros explorados e adaptados ao meio’, Jerônimo é o ‘Português que chega e é vencido pelo meio’.

Por tanto, é interessante pensar em como os valores sociais estão imbricados dentro da narrativa. Assim, vejamos: Romão e Miranda são rivais e, existe uma inveja mútua. Mas, a partir do momento que o primeiro se encontra no mesmo patamar que o segundo, este passa a respeitá-lo. Esta evidência se comprova no romance, após a reforma que o vendeiro faz no Cortiço, elevando a sua morada ao mesmo nível ou superior ao de Miranda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra naturalista O cortiço, o homem está condicionado ao ambiente no qual vive em uma luta entre duas culturas: a brasileira, representada por Rita Baiana e os demais moradores do cortiço e, a portuguesa dita como “raça” superior representada por João Romão e Jerônimo.

No entanto, o meio em que os personagens vivem (o cortiço) influencia

diretamente nas ações de cada personagem. João Romão, todavia, faz de tudo para ascender economicamente; e, embora, faça parte do ambiente de miséria, não se submete a ele e acaba vencendo (mesmo que de forma transgressiva).

De acordo com Cândido (1991 p.121-122), João Romão domina a raça, as mazelas sociais e supera o meio. Jerônimo, contudo, é vencido pelo espaço em que vive passando de português virtuoso e nostálgico para um mentiroso “abrasileirado”. Desse modo, a tida ‘cultura inferior’ se sobrepõe fazendo do dominador o dominado.

Por fim, na obra *O cortiço* a concepção de vida é descrita com uma grandeza mecânica sobre a vida dos indivíduos, ou seja, é como se a arte e a ciência se unissem revelando as ações dos personagens, o caráter e o destino de cada um, um tanto de Darwinismo Social que perdura até os dias atuais. Assim, *O cortiço* é um romance, que embora escrito no século XIX, traz uma reflexão atual do mundo capitalista que pode ser observada na relação entre ricos e pobres, burguesia e proletariado com todas as desigualdades e disparidades econômicas tal como apresentadas na obra, além da condição da mulher, ‘o sexo frágil’, do qual senso faz menção na sociedade até hoje.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. 3ªed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- BETELLA, Gabriela Kvacek. *O Gênero Conjetural e preciso*. In: ____ Narradores de Machado de Assis: a seriedade dos cadernos do conselho (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (bons dias! E A Semana).177-225. São Paulo: EDUSP/Nankin, 2007.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução CNBB. São Paulo. 2001 (livro de Gn 3:1-24).
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 36ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, Antônio. *De Cortiço a Cortiço*. In: O discurso e a cidade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- COUTINHO. Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. [capítulos 1, 2 e 3]. 3ªed. Ática editora. São Paulo: editora Ática, 1994.
- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. *Operadores de Leitura da Narrativa*. In: BONINICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) Teoria da Literatura, abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá, Ed. Da UEM, 2003, 33-56.
- GONÇALVES, Livia Bueloni. *Do narrador cartesiano ao narrador imponente: as primeiras mudanças entre as narrativas dos séculos XIX e XX*. In: Revista Contexto – Revista Semestral do programa de Pós-graduação em Letras- UFES, nº 19, vol. 1, 2011. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6577>
- GURGEL, Rodrigo. *Muita retórica, pouca literatura: de Alencar a Graça Aranha*. Campinas- SP: vide editorial, 2012 (Cap.9, p.111-122).
- MESQUITA, Samira Nahid. *O enredo*. Série princípios. Editora ática, 1994.
- OSANA, Lúcia (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58.
- QUEIROZ, Tânia Dias. *Dicionário Prático de PEDAGOGIA*. 3ª ed. São Paulo: Rideel, 2011.